



Entrevista exclusiva concedida por escrito pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, ao jornal El Observador, do Uruguai

Publicada em 25 de fevereiro de 2007

Jornalista: O chanceler Celso Amorim afirmou ao Financial Times que a busca de acordos fora da região por parte do Uruguai são um problema para o Mercosul. O senhor compartilha esse ponto de vista?

Presidente: O Chanceler Celso Amorim executa a política externa do meu Governo, em estreita sintonia com as minhas orientações. No tocante aos acordos de livre comércio, objeto da referência do Chanceler, e não a qualquer acordo, existem orientações claras seguidas pelos sócios do Mercosul. Não creio que acordos de livre comércio concluídos isoladamente sejam compatíveis com as normas do Mercosul. Ainda assim, não vejo por que os países que integram o bloco não possam buscar vantagens comerciais específicas mediante a ampliação de mercados para os seus produtos, desde que sejam respeitados os compromissos do Mercosul e, como bem afirmou o próprio Presidente Tabaré Vázquez, “não firam o coração do Mercosul”, que é a Tarifa Externa Comum. Esses compromissos nos unem e nos tornam mais fortes para negociar com terceiros mercados. Estou seguro de que um Mercosul mais forte, com menos assimetrias e ganhos mais equitativos para os sócios será um Mercosul capaz de negociar melhores acordos com outros países, sobretudo os grandes parceiros comerciais, como Estados Unidos e União Européia.

Jornalista: Se o Uruguai realizar um tratado de livre comércio com os Estados Unidos, o senhor seria partidário de que abandone o Mercosul?



Presidente: Trata-se de uma decisão soberana, que caberia unicamente ao Uruguai. O Brasil tem feito um esforço para que o Mercosul seja um processo de integração que traga vantagens para todos os seus sócios, em especial para os menores, como o Uruguai. Na Cúpula do Mercosul, em janeiro, aprovamos um conjunto de medidas voltadas expressamente para aperfeiçoar o Mercosul, de forma que traga mais benefícios para o Uruguai. Minha visita ao Uruguai almeja coordenar com o Presidente Tabaré Vázquez medidas complementares, sobretudo na esfera bilateral, que assegurem que o Uruguai possa beneficiar-se desse esforço de integração regional.

Jornalista: O Brasil busca ser uma referência e um líder tanto no Mercosul como no G20, contudo não tem intermediado diretamente o conflito das fábricas de celulose entre Uruguai e Argentina. O senhor acredita que essa posição diminui a liderança do Brasil?

Presidente: O Brasil não busca competir por liderança em suas relações no Mercosul, na América do Sul ou qualquer outro agrupamento de países a que pertença. A questão da construção de fábricas de celulose no Uruguai vem seguindo um curso jurídico e político próprio, no qual não cabe ao Brasil interferir, a menos que seja chamado pelos países envolvidos a dar sua contribuição. Acredito que a facilitação oferecida pelo Rei da Espanha constitui uma iniciativa positiva no esforço para equacionamento da questão. Confiemos em seu prosseguimento.

Jornalista: Do ponto de vista do estilo político, o senhor se sente mais próximo dos governos do Chile e do Uruguai que dos da Bolívia e Venezuela?

Presidente: Todos os vizinhos da América do Sul são parceiros importantes para o Brasil no projeto de construção de um continente mais unido e



integrado. Estamos empenhados em criar na América do Sul um ambiente de prosperidade econômica e social que multiplique oportunidades para todos. Nesse esforço, cada um de nós, com sua identidade e seus valores próprios, tem muito a contribuir. O importante é que seja um esforço de todos e não de grupos isolados de países.

Jornalista: O Brasil afirma que tem trabalhado muito para ajudar os sócios pequenos do Mercosul. Há algum grande investimento que o Brasil prevê fazer no Uruguai no curto prazo?

Presidente: O Brasil é o maior investidor no Uruguai e está preparado a estimular ainda mais os investimentos no país, com o objetivo de ampliar a inserção uruguaia nas cadeias produtivas do Mercosul. Naturalmente, as decisões não cabem ao Governo, mas a empresas como a Petrobrás, a Gerdau, a Ambev - que já se encontram presentes de modo muito marcante no Uruguai - e, em breve, o Banco Itaú.

No plano governamental, adotamos medidas importantes que contribuem para essas decisões, como no caso do acordo entre o BNDES e o Banco da República Oriental do Uruguai, que permitirá a empresas de ambos países se beneficiarem de empréstimos para projetos de infra-estrutura que resultem em ganhos para os dois países. Essas medidas complementam iniciativas no âmbito do Mercosul, como os projetos financiados pelo Fundo para Convergência Estrutural (FOCEM). Durante a última reunião de cúpula do Mercosul, no Rio de Janeiro, foram aprovados três projetos para o Uruguai, cinco para o Paraguai e três com alcance regional. No Uruguai, esses projetos trarão melhorias rodoviárias em Paysandú e Tacuarembó, incentivo ao desenvolvimento e capacitação tecnológica nas áreas de “software”, biotecnologia e eletrônica, além de estímulos à economia social nas áreas de fronteira. Ao mesmo tempo, o Governo brasileiro está empenhado em ajudar a



viabilizar financeiramente a participação de vários grupos empresariais brasileiros em projetos de infra-estrutura viária em estudo no Uruguai.

Também estamos buscando eliminar as travas que possam existir no nosso fluxo de comércio. A Comissão criada para monitorar o comércio bilateral começa a mostrar resultados, como no caso dos embarques de água Salus. Estamos renegociando nosso regime automotivo, para que o Uruguai possa exportar mais para o Brasil. Estamos atentos aos problemas e vamos solucioná-los.

Jornalista: A agressiva política exterior, comercial e política de Chávez tem mudado o eixo das lideranças no Mercosul. O senhor acredita que tem que frear o Chávez?

Presidente: Vejo, infelizmente com muita frequência, uma visão distorcida de que existiria uma competição por liderança entre o Brasil e outros países. O Brasil vê os seus vizinhos como parceiros. No caso da Venezuela, o convite para que se incorporasse ao Mercosul reflete exatamente a convicção de podemos e devemos trabalhar construtivamente para o bloco e para os projetos de integração na América do Sul. Temos que unir nossos esforços para frear, sim, o avanço de flagelos como a fome e a pobreza na nossa região.

Jornalista: O Estado de S. Paulo publicou que na Cúpula do Rio o senhor disse que tem que criar um “dique de contenção” e diferenciar o Brasil da Venezuela. Por quê?

Presidente: Há sempre um risco em tomar declarações de maneira descontextualizada ou creditar a alguém o que não disse. Brasil e Venezuela são países importantes no contexto da integração sul-americana, que



compartilham o interesse legítimo de ver o continente mais unido, socialmente mais justo e economicamente mais desenvolvido. Para isso estamos trabalhando juntos. Na esfera bilateral, temos em curso número importante de projetos de infra-estrutura, inclusive a construção de uma refinaria no Nordeste do Brasil. Ao mesmo tempo, estamos trabalhando em parceria com os demais vizinhos da região. Aqui também há projetos de infra-estrutura de grande alcance, tais como o Gasoduto do Sul, que ajudará na conformação de um anel energético integrando grande parte do continente, inclusive o Uruguai. As diferenças de identidade entre os países da América do Sul valorizam e enriquecem as nossas relações. Longe de serem um fator de desagregação, representam um aporte valioso para o projeto comum de integração na América do Sul.